

Uma coincidência na plateia daquele dia. Por Juliana Fernandes Gontijo.

Maria Fernanda estava eufórica. Era o dia do seu aniversário e estreia de seu novo espetáculo de teatro. Aquele frio na barriga que todo artista leva consigo. Ou, se não existir frio na barriga, essa pessoa não é, de fato, artista.

Aquela era sua nova produção e, como havia muito trabalho dos bastidores, ela preferiu ficar com um papel secundário na história. Mas o "frio" estava ali; o receio de que algo pudesse dar errado e, ao mesmo tempo, a ansiedade para que tudo desse certo. Pela primeira vez, ela estava participando do Festival de Teatro de Joinville como produtora. Ela também era autora de "Duas vidas em Paris", que falava do reencontro de um amor de infância. Por mais de 30 anos o casal ficou sem se ver. Os dois se deparam em um ponto de ônibus, sentados um ao lado do outro na movimentada *Champs-Élysées*, capital parisiense.

A personagem que Nanda interpretava era uma moça, dona de um café ao lado daquela parada de ônibus. Um local famoso pelo encontro de várias vidas com suas diferentes histórias.

A peça não era muito longa, cerca de 1 hora e 30 minutos. Tempo suficiente para Maria Fernanda perceber como a mais famosa praça de Joinville reagiria à sua produção. Ali estavam os grandes diretores de teatro, as grandes produtoras das artes cênicas no Brasil. Ela sabia: era tudo ou nada!

O espetáculo terminou. Tudo foi perfeito! Os 15 atores em cena deram um show de interpretação e dança. Som, iluminação, cenário, projeções ao fundo estavam exatamente como dizia seu pai, Otávio: "Tudo da melhor qualidade". Se fosse uma disputa de prêmio, com certeza, Maria Fernanda sairia vencedora. Estava ali a sua redenção. O público aplaudiu a peça por quase 5 minutos. Mas como tudo na vida tem um porém...

Quando os refletores foram ligados para iluminar o público da praça, Maria Fernanda começou a agradecer à equipe, chamando todo o staff ao palco. Era uma felicidade simultânea. Ela ainda convidaria os pais, grandes responsáveis pela sua vida, mas Otávio não estava ao lado de sua mãe. Havia ali um homem que ela não conhecia e ele apertava a mão de Márcia, sua mãe, como se fosse bem íntimo.

Nanda estava diante de uma situação nunca imaginada na sua vida. Uma provável traição na estreia do seu espetáculo como produtora e autora. Aquilo era inacreditável. A mãe e o homem sorriam, praticamente abraçados. Enquanto a atriz agradecia e falava lindas palavras ensaiadas sobre todas as pessoas que contribuíram para que "Duas vidas em Paris" fosse adiante, incluindo os seus pais, ela se corroía por dentro. Queria gritar com aquele homem; correr por toda a plateia e encontrar seu pai, para dizer tudo a ele. Por que Otávio não estava ali e sim um homem que nunca viu na vida ao lado da sua mãe, praticamente abraçado nela? A produtora não deixava "a peteca cair". Continuava a falar sobre a sua experiência com o espetáculo, algo totalmente novo para ela, como autora. Vez por outra, passava a palavra ao diretor, Fernando, seu grande parceiro de 10 anos de trabalho e de vida. Todos estavam eufóricos, mas sabiam que Maria Fernanda lá, no fundo, não estava bem.

Após longos minutos no palco, a organização do Festival pediu que Javier Cortez, um produtor espanhol, chegasse ao local para dar a sua impressão sobre o espetáculo. E, para sua surpresa, o produtor era o homem íntimo de sua mãe.

A moça, ao perceber que ele deixou a mãe na plateia após um beijo na testa, ficou vermelha de ódio. O sangue subia em suas veias. Mas continuou "vidrada" na mãe, esperando que seu

pai chegasse. Porém, outro homem chegou mais perto dela. O segundo era simplesmente uma cópia do primeiro. Ele também abraçava Márcia. Parecia ser mais íntimo ainda.

Cortez começou elogiando o trabalho da produção, do texto que coincidentemente parecia-lhe muito familiar. Ele estava emocionado, mas tentava se fazer de forte. Falou muito bem da preparação corporal e vocal dos atores. Fez algumas pequenas críticas que poderiam até contribuir para o crescimento da carreira de Maria Fernanda, mas ela não estava se importando com os dizeres do produtor.

“Que você se dane! A produção é minha e não me importa o que você pensa!”

Terminada a fala do espanhol, ele foi cumprimentá-la, ainda no palco. Ela tomou-lhe discretamente o microfone, agradecendo mais uma vez ao público presente e se retirou sem dar uma palavra com Javier.

Fernando, ao perceber aquela situação embaraçosa, disse:

— Desculpe-me por minha namorada. É porque ela está um pouco nervosa pela estreia. É sempre assim. Aquele frio na barriga, você sabe...

Javier foi atrás da atriz e, já no camarim, a mãe aguardava a filha com “o clone” de Cortez. Maria Fernanda tremia e não era de emoção, mas de raiva mesmo.

Nem ao menos esperou sua mãe lhe cumprimentar e foi logo dizendo entre os dentes:

— Mãe, quem são esses dois? Cadê meu pai?

— Javier, desculpe... Agora você me entende, não é?

— Sim, claro, Márcia.

— Mas eu não entendo, mãe!

— Quer me deixar explicar, Maria Fernanda de Souza?

Fernando, vendo que a discussão poderia tomar outros rumos, reuniu a equipe e todos foram saindo aos poucos do camarim. “O Parabéns” deveria ser em outra hora, talvez nem mais naquele dia. Um clima péssimo pairava sobre o camarim.

A atriz estava azeda, não queria muita conversa e Márcia tentando explicar tudo o que estava acontecendo:

— Maria Fernanda, não me “mate de vergonha” e deixa eu te explicar!

— Explicar o quê, mãe? São gêmeos? E o que eles estão fazendo aqui? Não me interessa se gostaram ou não da minha peça! Eu dei o melhor que pude. Se errei, arco com as minhas responsabilidades e pronto!

— Acalme-se, Maria Fernanda. — Disse Javier Cortez.

— Tira a mão de mim seu...

— Tio! — Disse Márcia. — Sim, eles são seus tios gêmeos. Javier e Juan!

— Como assim? — Interpelou Nanda quase branca de tanto susto.

— Sim, minha sobrinha. Há dois anos, nós tivemos indícios de que Francisco Fernández, seu avô, seria nosso pai.

— Fala sério!

— Sim, verdade, filha. Está lembrada quando falei que seu avô, Francisco, abandonou mãe, eu e Marcos, indo de navio para Barcelona?

— Lembro vagamente.

— Nanda, posso te chamar assim? Ele reconheceu minha mãe, Isabel, um antigo amor de infância num ponto de ônibus após 30 anos de separação. Se eu te contar que “Duas vidas em Paris” é semelhante à história dos meus pais, você não vai acreditar. E a gente cresceu no meio do teatro, seu avô gostava muito. Se falamos bem o português é culpa de pai Francisco.

— Vocês estão falando sério? Eu pensei que...

— Eu sei exatamente o que você pensou. Que eu estava traindo seu pai, não é verdade?

— Desculpe, mãe! Desculpe também, meus tios, Javier e Juan.

— Ah, filha! Você e sua mente poluída!

— Mas como eu iria saber, mãe? Imagine se eu tivesse visto durante a peça?

— Você não iria fazer nada, minha sobrinha. Sabe por quê? Você é uma ótima atriz e sabe muito bem separar as coisas!

— Ah, isso eu sei mesmo. Quando estava agradecendo ao público e vi vocês juntos, eu já não era mais a atriz da peça. Mas sim a produtora do espetáculo.

— Sei disso.

— Ok, mas entre a família de vocês em Barcelona e o reencontro com a minha mãe existe uma lacuna, certo?

— Esta foi outra jogada do destino. Seu pai fez contato com uma empresa produtora de azeitonas onde minha esposa, Carmen, trabalha. Um dia, durante uma conversa, surgiu um assunto sobre manchas de pele e ele falou das costas da sua mãe. Nós temos uma mancha semelhante. Veja!

— Caramba! Mas e como realmente descobriram a coincidência?

— Exame de DNA. Eu vim para o Brasil há dois anos e fizemos o exame. Soubemos do resultado positivo, mas o destino pregou nova peça: meu filho, António, que havia se mudado para o Japão, faleceu em um acidente de trem e precisei me mudar para Tóquio a fim de cuidar dos trâmites da empresa da qual ele era sócio. Eu e Juan moramos no Japão por 6 meses. Ao trocar os chips do celular, perdi vários contatos, entre eles, o da sua mãe e seu pai. Precisei deixar a Carmen, cuidando dos negócios em Barcelona. Houve um problema de invasão de dados em nosso sistema e o contato do seu pai e de mais 100 fornecedores foram perdidos em nossos arquivos. Foi tudo dando errado, Nanda! Parecia que algo conspirava contra nosso encontro. Se eu soubesse que você era atriz, isso teria facilitado as coisas...

— E o Festival?

— Eu já trabalhava com produção de teatro na Espanha e resolvi organizar um evento aqui, assim eu poderia tentar reencontrar a sua mãe. Quando comecei a enviar a documentação para os patrocínios brasileiros, vi sua mãe em uma das reuniões de produção executiva.

— Foi como se nós tivéssemos acordando de um sonho, filha. Mas eu não falei que você estava envolvida no Festival para não dar a ideia de que eu estaria “mexendo os pauzinhos” para te ajudar, entende?

— Mãe, que história mais louca é essa?

— É sobrinha, isso dá um livro ou um filme, não é verdade? — Disse o tio Juan.

— Quem sabe, não é? Podemos fazer uma parceria Brasil-Espanha! Vai ser incrível!

— Na verdade, eu quero te convidar para apresentar o espetáculo em Barcelona, na minha casa de espetáculos “Francisco Fernández”. Tive essa ideia quando estava assistindo vocês.

— Essa história eu não sabia, irmão.

— Você fala sério, tio?

— Claro! Por isso, eu estava tão emocionado em cima do palco. Eu só não imaginava que a sua peça era praticamente a história dos meus pais, Francisco e Isabel Fernández.

— Uau! Você não tem ideia do quanto estou sem graça pelo mau juízo que fiz e, ao mesmo tempo, muito feliz por vocês! — Disse Nanda abraçando fortemente a mãe e os “novos” tios.

— E meu pai, mãe? Cadê ele?

A porta se abriu e...

— SURPRESA! — Gritou todo o staff, seguido de Otávio e Fernando com um enorme bolo de aniversário nas mãos.

— Que surpresa vocês me pregaram, hein, pai?

Otávio deu um longo abraço na filha e em seguida todos cantaram “Parabéns pra você!”.